

## Narrando mitologias indígenas: uma experiência em educação

Bianca Aracely Lopes Jarro<sup>1</sup>  
Larissa Alves Calderon Britto<sup>2</sup>  
Rafael Tartalho<sup>3</sup>  
Lis Régia Pontedeiro Oliveira<sup>4</sup>  
Chie Hirose<sup>5</sup>

**Resumo:** Frequentemente, nas escolas a cultura indígena é tratada em aspectos um tanto estereotipados e superficiais. O artigo narra a experiência dos autores em “contação de histórias” (da cosmogonia indígena) para seus colegas do segundo ano do Fundamental, revisitando a história desses povos buscando dar visibilidade às suas culturas que tanto contribuíram (e contribuem) para a diversidade e riqueza cultural de nosso país.

**Palavras-Chave:** Brasil. cultura indígena. diversidade. cosmogonias indígenas.

**Abstract:** Brazilian indigenous culture is often presented in elementary schools in a rather superficial way: in its superficial and stereotyped aspects. This article tells the authors' experience with indigenous cosmogonies storytelling to inspire younger students to discover how indigenous genuine values and traditions are part of Brazilian culture.

**Keywords:** Brazilian indigenous culture. indigenous cosmogonies. storytelling.

### Introdução

A cultura indígena brasileira é muito mais do que folclore, culinária etc. Porém, geralmente, nós nos aprofundamos pouco na verdadeira cultura indígena, para além dos estereótipos de superfície, da imagem exótica do “índio” (que temos herdado desde os primórdios da presença europeia no Brasil).

Este trabalho é uma modesta tentativa de apontar uma atividade que pode ajudar na educação para alguns dos valores da cultura indígena (que estão na raiz da formação cultural brasileira) a partir de um caso concreto: mitos e cosmogonia. Tarefa importante, principalmente em nosso tempo, quando, tantas vezes, o indígena é visto como sinônimo de atraso ou mesmo considerado um entrave para interesses econômicos privados.

É de se notar, diga-se de passagem, que o número de brasileiros de ascendência indígena é muito maior do que se imagina, como mostra Helaine MARTINS (2019), em: “Em busca do passado - O número de indígenas no Brasil é maior do que mostram os dados oficiais. E há gente atrás de suas origens...”:

---

<sup>1</sup> Estudante do 3º ano (Ensino Médio) da EMEFM Vereador Antonio Sampaio (Zona norte de São Paulo).

<sup>2</sup> Estudante do 3º ano (Ensino Médio) da EMEFM Vereador Antonio Sampaio.

<sup>3</sup> Estudante do 3º ano (Ensino Médio) da EMEFM Vereador Antonio Sampaio.

<sup>4</sup> Orientadora. Mestre em História PUC-SP. Profa. História da EMEFM Vereador Antonio Sampaio.

<sup>5</sup> Orientadora. Pós doutora Feusp. Profa. De Ensino Fundamental I da EMEFM Ver. Antonio Sampaio.

“Quando eu era criança, me achava fisicamente 'diferente' das minhas amigas brancas, mas sabia que eu não era negra. E, na minha cabeça, só existia branco, negro ou asiático”, diz a tradutora Bruna Miranda, 26, que há um ano vem buscando mais detalhes sobre sua origem. “Com a ajuda de um tio que mora em São Luís, no Maranhão, tenho feito uma pesquisa pelos registros e certidões de nascimento da família. Alguns indícios me levam a acreditar que sou descendente Tupinambá. É doloroso viver nesse limbo entre saber que tenho uma ascendência mas, ao mesmo tempo, não saber de onde vim”. Bruna não é a única brasileira que demorou para descobrir de onde vêm seus traços e cores. [seguem-se diversos outros depoimentos]” MARTINS (2019)

A própria educação escolar tem contribuído pouco para o resgate cultural dos valores indígenas. Apegando-se apenas a aspectos periféricos e a “pré-conceitos”, que tantas vezes vemos reproduzidos nas celebrações do “Dia do Índio” (fantasiar as crianças com penas etc.) e apresentar sua cultura como mera curiosidade exótica, sem examinar o quanto nossa cultura tem influência dos povos indígenas.

Na realidade, vale o que diz Freire:

A sociedade brasileira se desnuda e se revela no relacionamento com os povos indígenas. É aí que o Brasil mostra a sua cara. Nesse sentido, tentar compreender as sociedades indígenas não é apenas procurar conhecer “o outro”, “o diferente”, mas implica conduzir as indagações e reflexões sobre a própria sociedade em que vivemos. (FREIRE, 2002).

Um exemplo deprimente da desvalorização do indígena atinge inclusive a corrupção: dentre os cerca de 300 beneficiários das bilionárias propinas da Odebrecht (com aqueles apelidos: mineirinho, amante, santo, Botafogo etc.) e de outras empreiteiras, os indígenas eram subornados por uns ridículos trocados, de quatro dígitos para o cacique. Ou, por “espelinhos do século XXI”, como mostra a brilhante reportagem de Eliane Brum, “Belo Monte, empreiteiras e espelinhos”, sobre as aldeias afetadas por Belo Monte.<sup>6</sup>

Somente para indicar alguns aspectos da visão de mundo indígena, recolhemos um par de vigorosos exemplos de sua linguagem e relação com a natureza: observações de LAUAND (2019) em artigo publicado precisamente no número 2 desta revista *Coepta*. Ele explica a sabedoria do sufixo tupi *-uera*, que mostra a ligação entre passado e presente e, mais ainda, uma visão profundamente ecológica:

Para essa ligação com o passado que nos falta [à língua portuguesa], apontamos a riqueza do sufixo tupi *guera* (/puera, /quera, de acordo com a eufonia), que nos obriga a ver a presença do passado no presente: x-guera é algo que foi x, não é mais, mas preserva algo do x que um dia foi.

*Anhangá* é diabo, espírito com poderes; já *Anhanguera* é alguém que sem ser (mais) diabo, preserva algo do poder que um dia teve em

---

<sup>6</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/06/opinion/1436195768\\_857181.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/06/opinion/1436195768_857181.html). (acesso em 06-09-19)

plenitude. Ao narrar a lendária proeza do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, que pôs fogo na “água” (aguardente) para intimidar os índios, nossos livros didáticos, ao traduzirem Anhanguera meramente por “diabo velho”, não fazem justiça à riqueza do *guera* tupi.

Assim também *Ibirapuera* é o que resta daquilo que um dia foi mata ou árvore (*Ibirá*). *Itaquera* é a pedreira praticamente exaurida (*ita*, como se sabe, é pedra).

A composição com *-uera* é frequente no tupi e está continuamente a nos recordar que há uma conexão entre o presente e o passado, entre o futuro e o presente; que há leis naturais regendo o desenvolvimento das coisas e que as ações têm consequências: projetam-se, deixam um rastro, um *guera*. [...]

Nem sempre *guera* indica decomposição ou corrupção; pode-se deixar de ser o que foi, preservando algo, em outro estado, transformado: por exemplo *ypuera* é suco de fruta; *manipuera*, suco de mandioca. O português não distingue a carne integrada ao vivente, da que se vende no açougue; nem a pele do animal vivo da que está na bolsa, sapato ou artefato. Porém, para a **sensibilidade em face da natureza** que há no tupi: *soó* é a carne viva do animal, mas a que está na panela ou churrasqueira é algo diferente: é *soóquera*; a pele, no corpo do animal vivo, é *pi*; uma vez extraída, porém, é *pipera*. (LAUAND 2019, p.8) (grifo nosso)

E outro exemplo no qual a visão de mundo indígena “questiona a (afinal de contas, absurda) imensa rede de posses em que nossa sociedade se encontra instalada”:

Finalmente, mas não menos importante, uma imensa sabedoria embutida no gênio da língua [indígena]. É impossível e impensável em tupi aplicar o possessivo para elementos naturais: NÃO se pode dizer “minha terra”, “meu cachorro”, “minha pedra”, “minha ilha” etc. Por outro lado, é obrigatório o possessivo para parentes e partes do corpo: não se diz “eu como com as mãos”, mas “eu como com as minhas mãos”; não “ele cuida do filho”, mas “ele cuida do seu próprio filho”. Já o que o homem produz pode ser acompanhado do possessivo ou não: se eu trabalhei a pedra (*itá*) e a transformei em machado (também *itá*), aí posso dizer *xe itá*, meu machado (/pedra) (...).(LAUAND 2019, p.11)

Podemos dizer que o tema de fundo que motivou e motiva os autores para realizar este trabalho é o do convívio na diferença, a partir de uma base comum. Acreditamos profundamente nessa possibilidade e, a partir dessa convicção, buscamos compreender as condições necessárias para uma harmonia construtiva na população brasileira. O convívio na diferença não é algo que se tenha por nascença; é um processo que construímos por meio de vivência, desde as primeiras experiências no círculo social e que se intensifica quando entramos na escola. Dá-se pelo conhecimento mútuo, pelo reconhecimento das semelhanças e aceitação das diferenças, pelo diálogo. Nestes tempos marcados por violência e pela atual situação social e política no país e no mundo, a reflexão sobre os povos indígenas e sobre seus mitos e concepções de mundo (e seu modo de interagir com a Natureza) podem nos trazer sadios questionamentos sobre nossa própria identidade.

Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre a experiência de “Contação de Histórias” que protagonizamos com os colegas de uma sala de 2º ano do Ensino Fundamental I da nossa escola, apresentando mitos indígenas (cosmogonia) para crianças de 7 a 8 anos. A partir dessa vivência, levantaremos algumas considerações pedagógicas sobre o ato de narrar mitos para as novas gerações.

### **I.1 Compreendendo a Mitologia**

É transmitido pela Rádio USP um programa que, de segunda a sexta-feira, aborda conceitos da mitologia que envolvem povos de várias culturas ao longo da história. O programa, que está no ar desde 2016, tem o objetivo de analisar os principais temas da mitologia e seus personagens, fazendo com que os ouvintes percebam que mitos estão presentes, ainda hoje, no nosso dia a dia.

Atualmente (setembro 2019), o programa está considerando as mitologias indígenas, em diálogo com outras mitologias mais conhecidas, com as da Grécia, de Roma ou as histórias bíblicas: “utilizando modelos comparativos com o intuito de estabelecer relações de semelhança entre os mais diversos símbolos e mitos das mais distintas culturas e civilizações”.

No início da programação da Mitologia: Histórias Sagradas, há uma explicação sobre o que é Mitologia:

Todas as sociedades têm a sua mitologia. Um conjunto de histórias sagradas sobre os deuses, desde a criação do cosmos até as ocorrências após a morte. As pessoas repetem essas histórias há milhares de anos para melhor compreender o mundo e as suas próprias vidas. Os mitos são histórias sagradas que falam da criação do mundo, do surgimento dos deuses e dos seres humanos. (PRADO, Luiz, 2017) <sup>7</sup>

Conforme estudos de Aracy Lopes da Silva (2012),

Os mitos são um lugar para a reflexão, falam de complexos problemas filosóficos com que os grupos humanos devem se defrontar. Têm muitas camadas de significação e, são repetidamente apresentados ao longo da vida dos indivíduos que, à medida que amadurecem social e intelectualmente, vão descobrindo novos e insuspeitos significados nas mesmas histórias de sempre, por debaixo das camadas já conhecidas e já compreendidas.<sup>8</sup>

Ainda nessa linha, não podemos esquecer do renomado antropólogo Joseph Campbell, que aproximou a Mitologia e seus diversos símbolos para nosso mundo contemporâneo. Ao se esforçar por anos em estudo amplo sobre mitos, lendas, crenças, símbolos e religiões de inúmeras culturas, ele diz:

Os mitos têm basicamente quatro funções. [...]

---

<sup>7</sup> <https://jornal.usp.br/cultura/programa-sobre-mitologia-da-radio-usp-chega-a-130-episodios/> (acesso em 06-09-19)

<sup>8</sup> [https://pib.socioambiental.org/pt/Mitos\\_e\\_cosmologia#O\\_que\\_s.C3.A3o\\_cosmologias.3F](https://pib.socioambiental.org/pt/Mitos_e_cosmologia#O_que_s.C3.A3o_cosmologias.3F) (acesso em 06-09-19)

A segunda é a dimensão cosmológica, a dimensão da qual a ciência se ocupa – mostrando qual é a forma do universo, mas fazendo-o de uma tal maneira que o mistério, outra vez, se manifesta. Hoje, tendemos a pensar que os cientistas detêm todas as respostas. Mas os maiores entre eles dizem-nos: “Não, não temos todas as respostas. Podemos dizer-lhe como a coisa funciona, mas não o que é”. Você risca um fósforo – o que é o fogo? Você pode falar de oxidação, mas isso não me dirá nada.

[...] Existe uma quarta função do mito, aquela, segundo penso, com que todas as pessoas deviam tentar se relacionar – a função pedagógica, como viver uma vida humana sob qualquer circunstância. Os mitos podem ensinar-lhes isso. (CAMPBELL, 2010, p. 23).

## I.2 Índio ou Indígena

José Carlos Sibila<sup>9</sup>, da Rádio USP, responsável pelo programa “Mitologia: História Sagrada”, diz:

A mitologia encanta fantasia, comunica. E as vezes conta história do dia a dia dos povos. A mitologia indígena brasileira é particularmente rica nestas narrativas que revelam o caráter e a crença dos povos da selva. Nossos indígenas reúnem suas tradições num acervo de mitos, heróis e relatos do cotidiano que nos encantam. Servem de suporte para conhecimento da origem e da vida na selva.

Antes de falarmos sobre a Mitologia indígena, gostaríamos de distinguir as palavras “índio” e “indígena”. No senso comum, utilizamos essas palavras de forma aleatória, como sinônimas. Mas, se ouvirmos os brasileiros que são descendentes dos habitantes originais da América, eles denunciam que quando são chamados de “índio” pela sociedade se sentem estigmatizados, rebaixados.

Enfatizam que as palavras “índio” e “indígena” não são equivalentes. O pesquisador Daniel Munduruku nos alerta que as populações indígenas, mesmo sendo as ancestrais neste país, só ficaram visíveis efetivamente a partir dos anos 70. E foi somente na Constituição, promulgada no ano de 1988, que se assegurou aos indígenas o direito de manterem a sua alteridade cultural e se instituiu, como dever do Estado, a tarefa de proteger esses grupos.

Nós temos todo esse tempo anterior sendo invisibilizados e colocados, recaídos [sic] sobre nós uma palavra, um apelido [“índio”]. E vocês sabem que o apelido não diz quem a gente é. O apelido normalmente diz o que as pessoas acham o que a gente é. Por isso o apelido bom é aquele apelido que mostra, aparentemente, que o outro tem ausência, uma falta. [...] A palavra “índio” está no nosso vocabulário e também no vocabulário dos povos indígenas. Porque é algo que foi sendo repetido à exaustão. Nos anos 70 quando essa juventude começou a olhar, a se perceber parte de uma sociedade maior, que foi assim que começou o movimento indígena, essa juventude usou esse termo “índio” como uma forma de luta, como identificação daqueles que eram

---

<sup>9</sup> Mitologia: Histórias Sagradas, programa que a Rádio USP (93,7 MHz) transmite de segunda a sexta-feira, a partir das 18 horas, com produção e apresentação de Verônica Lopes e do cineasta e dramaturgo José Carlos Sibila.

parceiros. Então essa palavra ainda é usada, e se é usada por uma liderança dessa, é nesse sentido. Quando essa palavra é usada pela sociedade brasileira, é no sentido do apelido, no sentido do desdém. É no sentido do estereótipo, é no sentido da ideologia”. (MUNDURUKU, 2018)

### **I.3 Mitologia(s) indígena(s)**

Tenha-se em conta, antes de mais nada, que as lendas indígenas podem ter variações de acordo com a crença de cada povo, já que – ao contrário do que muitos pensam – existem cerca de 300 povos indígenas no Brasil, cada um com seu próprio idioma, crenças e costumes.

Embora os povos indígenas tenham especificidades em sua mitologia, muitas vezes eles têm em comum deuses e seres que protegem a natureza e os nativos da floresta em que vivem.

No folclore, os mitos são, muitas vezes, histórias baseadas em tradições e lendas feitas para explicar o universo, a criação do mundo, fenômenos naturais etc., para os quais não se dispõe de outras interpretações plausíveis.

Sabemos que cada povo indígena é uma sociedade singular, que se organiza por meio de uma cosmologia própria, que rege toda a vida familiar, social, religiosa, econômica e cultural do grupo. Por isso mesmo, é mais adequado dizermos Mitologias Indígenas, no plural.

É importante conhecermos a cosmologia de cada etnia, pois por ela, os indígenas se orientam em sua vida social, ritos de passagem, guia de animais e plantas para usos medicinais, nas estratégias de sobrevivência. A cosmologia de um povo possui influência simbólica direta em muitos de seus hábitos e costumes.

Sibila diz, no início do seu livro clássico “Mito e realidade”, que o mitólogo Mircea Eliade afirma que o mito relata acontecimentos ocorridos no princípio dos tempos, mediante intervenção de entes sobrenaturais. De maneira geral, esses relatos reúnem mitos, lendas, contos e fábulas.

Sibila tem insistido nas semelhanças de características em diferentes Mitologias; semelhanças que se repetem também nas diversas mitologias amazônicas.

### **I.4 A importância da Cosmogonia Indígena nas escolas**

O professor Emerson de Oliveira Souza (Kununimi Guyra Morantin), da etnia guarani, um dos únicos professores indígenas da rede estadual de São Paulo, afirma:

Temos 305 etnias indígenas no Brasil. São 305 povos, totalmente desconhecidos, a serem apresentados aos alunos. Temos a literatura, a mitologia, a história de criação, o grafismo, as 274 línguas. A escola precisa passar a ter uma metodologia com mais sintonia com a realidade do povo índio hoje, que luta para existir no país que ele mesmo construiu”. (Folha de S. Paulo 18/04/2019) <sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/dia-do-indio-precisa-desfazer-rotulos-diz-professor-indigena-de-sp.shtml> (acesso em 06-09-19)

E um dos representantes da cultura indígena confirma:

A gente é cultura da palavra. A palavra para nós tem sentido. A palavra para nós tem alma, tem vida. A palavra enobrece, ou também detona, ela derruba, destrói. Então saber usar a palavra para tratar o outro é sinal de inteligência. É sinal de humanidade. É sinal de tolerância com o outro. E tolerância não é aquilo que a gente fala, que às vezes a gente ouve: “Eu sou tolerante, eu aguento aquele cara, eu suporto ele.” Não é isso. Tolerância é aquilo que se dizia antes, é deixar que o outro seja. Não aquilo que a gente quer que ele seja, mas aquilo que ele é de fato. E cabe a uma sociedade decente lutar para que o outro seja o que ele quer ser. (Munduruku 1:17 a 2:07)

Como insiste LOPES DA SILVA (2012, pg16):

Vivemos um período marcado por fortes referências temporais e históricas: já se vão mais de quinhentos anos desde o descobrimento da América e estamos no limiar do século XXI. Temos, atrás de nós, experiências acumuladas e, à nossa frente, projetos de futuro a definir. O presente se define, pois, como momento de reavaliar e de reinterpretar o que fomos e o que pretendemos ser.

Já Eliane Potiguara diz:

Gente, não podemos esquecer isso. E isso pode voltar com governos que possam vir: ditatoriais, antidemocráticos, por exemplo o que estamos passando no momento. A gente não está longe disso, não. Porque o povo indígena brasileiro, que deveria ser considerado um patrimônio histórico desse país, ele ainda é considerado pelos altos gabinetes como o povo que está atrapalhando o desenvolvimento. É isso que se coloca quando querem fazer hidrelétricas, e os grandes projetos madeireiros, grande estradas... A história é única, é uma veia única de história. (POTIGUARA, 2016, 9:10 min)

## **II.1 Nossa experiência em narrar mitologias indígenas**

Após esse quadro contextualizador, passemos à experiência – muito enriquecedora para cada um dos autores – com os estudantes na escola EMEFM Vereador Antonio Sampaio. Esta escola se situa na zona Norte de São Paulo, com clientela muito variada: de estudantes provenientes de famílias com antigas raízes no bairro a moradores de comunidades de situação de risco social, passando por imigrantes, refugiados etc. Atualmente, a escola é referência em educação de inclusão, particularmente na de surdos.

Tivemos a ideia de contar mitos da nossa cultura indígena para os colegas de nossa escola porque quando estávamos no 7º ano tivemos uma maravilhosa experiência parecida. Ao estudarmos a cultura grega, ficamos encantados com os deuses e os heróis da mitologia. Assim, com a orientação da Lis, nossa professora de

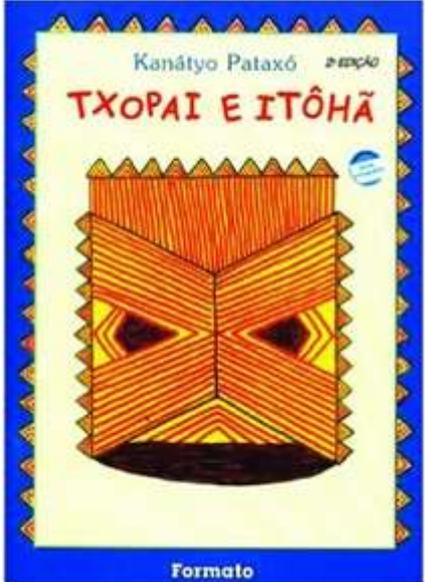
história, resolvemos compartilhá-la com as crianças do Fundamental I. A experiência foi um sucesso. Ao encerrarmos a apresentação dos personagens da Mitologia grega, as crianças perguntaram muito, pedindo mais detalhes das histórias.

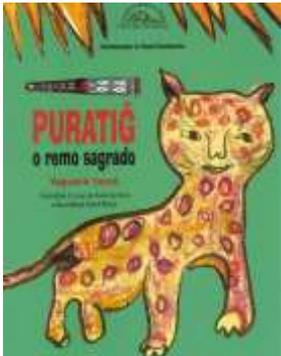
Ao recebermos o “desafio *Coepta*”, de fazer um artigo sobre tema de nosso interesse, pensamos em retomar a experiência de 6 anos atrás, desta vez levando para a nova geração os mitos de nossa cultura brasileira. Ao longo desses anos, fomos ganhando consciência de que nossas identidades são construídas pelas várias culturas que nos constituem: além da cultura cristã, europeia, também as culturas africanas e indígenas. Por termos em nosso grupo, desde o primeiro ano, a Bianca, de família boliviana, fortalecemos também a consciência de que trazemos em nós a cultura do continente: sul-americana, latino-americana.

No dia 2 de setembro desse ano levamos 2 mitos indígenas para 27 estudantes do 2º ano (Fund. I). Escolhemos essa classe porque a professora responsável por ela é uma grande amiga nossa, a professora Chie, que lecionou para os autores por três anos no Ensino Fundamental. A profa. Chie permitiu que fizéssemos esta aula livremente e esteve presente durante a atividade para qualquer eventual necessidade. A experiência aconteceu de forma tranquila durante as “nossas aulas” (toda uma tarde). E no final, a pedido das crianças, permanecemos na sala até o encerramento do dia, participando de todas as atividades da turma.

## II.2 Os mitos selecionados

Querendo falar sobre origens, optamos por duas narrativas tradicionais indígenas. Uma sobre o surgimento da tribo Pataxó; outra sobre a origem do mundo: a Cobra Grande, na versão do povo Saterê Mawé.

TXOPAI E ITÔHÃ	SINOPSE
	<p>Txopai é o primeiro índio pataxó a surgir na Terra. Nasceu de uma gota de chuva e, com a sabedoria de quem nasceu primeiro, vai ensinar seus irmãos que surgiram bem depois (de outra chuva), a caçar, pescar, plantar, enfim, a sobreviver do trabalho, respeitando os recursos naturais. Trata-se de um mito de origem, escrito e ilustrado pelo índio Kanatyó para seus alunos na escola da aldeia pataxó, em Carmésia (MG).</p> <p>AUTOR(A): Kanatyó Pataxó GÊNERO: Conto mitológico : povo Pataxó EDITORA: MG: Formato: 2000</p>

<p><b>PURATIG: O REMO SAGRADO</b>  <b>AUTOR:</b> Yaguarê Yamã  <b>ILUSTRAÇÕES:</b> Yaguarê Yamã, Queila da Glória e crianças satere-mawé  <b>CATEGORIA:</b> histórias tradicionais e de origem. “Sobre a origem do mundo”  <b>GÊNERO:</b> Conto mitológico: povo Maraguá, povo Saterê Mawé  <b>EDITORA:</b> SP: Peirópolis: 2014</p>	
--	---

Para se ter uma ideia de como este mito é essencial e central na visão de mundo mawé (Saterê Mawé) recolhemos trechos da resenha de MONTEIRO (2010) sobre uma versão mais extensa narrada pelo próprio Yamã:

No início da obra, brindada com a história da gênese mawé, o autor fala da beleza precursora dos Monã, as forças cósmicas representadas pelo deus Tupana, o deus do Bem, e o Yurupary, o deus do Mal. A história da criação do *Atapy* (Universo), do surgimento dos mawé e dos outros homens na Terra ilustra quão particular é o mundo simbólico mawé, que dá forças a personagens animais, humanos e animais-humanos, recriando elementos que compõem o universo, como os astros, os planetas, o A'at e o Waty, estes representando o Sol e a Lua. Esses astros são frutos da Cobra-Grande, a poderosa fundante do povo Mawé, a Mói Wató Mağkarú Sése, a grande sucuri que deu o poder de vida ao novo *Atapy* dos mawé, relacionando-se com Tupana e Yurupary.

Para os mawé, os deuses Tupana e Yurupary, que guardavam e doavam o bem e o mal ao universo e aos homens, não conheciam o dualismo dos sentimentos até descobrirem a traição da Cobra-Grande, que se relacionava com um de dia e com outro durante a noite. Das relações com a Sucuri Sése, surgem o planeta das Águas e o planeta Terra que eram povoados por várias criaturas guiadas pelos Painí-Pajés (regidos por Tupana) e pelos Pajés-Poxy (regidos por Yurupary). Esses guardiões do deus do bem e do deus do mal conduziram, segundo o autor, a fecundação dos sentimentos contrários, como a tristeza e a alegria, a amizade e a animizade, o bem e o mal em si, no mundo.

Na cosmologia mawé existem dois momentos de criação do mundo, mas só no segundo persiste a vida humana na Terra, que passa a ser finita durante a pajelança que se faz para a Grande Cobra. O Painí-Pajé dos Encantados usa as cores da natureza: o vermelho retirado da força luminosa do urucum desenha o sol do universo; o carvão investe-se da cor preta para inspirar as “forças telúricas” (2007, p. 28); do açafião amarelo, os encantados lembram a importância da espiritualidade para a coesão do mundo; junto ao branco da argila, esses seres promovem a paz e a tranquilidade e, por fim, o jenipapo azul, para “captar as energias do céu” (p. 28). [Etc., etc., etc.]

Claro que, ao dar “nossa aula”, optamos por uma versão muito mais simples e resumida...

### II.3 O encontro com a classe

A professora Chie nos apresentou como alunos que estavam concluindo o Ensino Médio e que tinham sido alunos dela por três anos no Fund. 1, então crianças como elas. Começamos dizendo que tínhamos vindo para contar para elas histórias indígenas.

A recepção foi a melhor possível: disseram-nos que estavam precisamente, naquele mês de agosto, estudando culturas indígenas.

Antes mesmo de começarmos a “contação”, as crianças nos surpreenderam com uma enxurrada de perguntas, algumas inusitadas. Pediram que escrevêssemos na lousa nossos nomes completos, idade, nomes do pai e da mãe (!?), o que gostávamos de fazer, se trabalhávamos, se tínhamos filhos e até algo bem mais íntimo: qual era o sonho de cada um de nós! Depois de extrairmos nossa “ficha completa” (o “interrogatório” durou uma meia hora), veio a pergunta impactante: “- Vocês conhecem indígenas de verdade?”

Nossas reações foram distintas: para Rafael e Bianca ocasionou um retorno para seu 2º. Ano, quando tiveram todo um projeto sobre a cultura indígena (experiência não compartilhada por Larissa, que chegou à escola no 3º. ano).

Eu (Rafael) me senti nostálgico no momento em que as crianças nos perguntaram sobre nossa experiência com a cultura indígena.

Nossa reação foi dizer que sim, que já tínhamos visto indígenas e contamos com detalhes o que tínhamos visto naquele passeio escolar.

Na conversa com as crianças, sentimos tudo aquilo que estava em nossas memórias de infância, porque eram tantas lembranças puxadas pelas perguntas que as próprias crianças mesmo fizeram. (Bianca)

Nessas memórias revisitadas, surpreendemo-nos ao perceber que passamos por tantas coisas e aprendemos tanto sobre nosso passado como brasileiros, pelo privilégio de termos tido acesso a lugares e eventos relativos à cultura indígena.



Rafael e Bianca em visita à aldeia da comunidade Guarani Tekoá Pyau de Jaraguá (dezembro de 2010)

Já eu (Larissa), diante dessa pergunta, percebi em como meu conhecimento era apenas teórico, tudo o que aprendi foi por meios indiretos, como a internet. Também fiquei surpresa em ver o nível de conhecimento das crianças sobre culturas indígenas brasileira, pois eu esperava que elas tivessem apenas o conhecimento de lendas folclóricas, como aconteceu comigo na minha infância. Tudo (o mínimo) que tinha aprendido sobre a cultura indígena, foi ouvir lendas folclóricas no Dia do índio.

Pelo que recordamos, no segundo ano de Fundamental I, ou seja aos nossos 8 anos, a mesma idade dessas crianças, fizemos dois passeios escolares. No primeiro, tivemos uma comunicação direta com os indígenas, conversamos com o pajé, que era

o líder das tribos de sua etnia em nosso estado. Ele ficou surpreso com os conhecimentos que tínhamos, nos abençoou e nos convidou para dançar com toda a tribo.

No segundo passeio, visitamos a aldeia do Jaraguá: não esperávamos ver tantas pessoas lá. Não só adultos, mas crianças também. Logo que chegamos, fomos visitando vários espaços da aldeia. Dançamos todos juntos e antes da despedida compramos algumas peças de artesanato.

Ouvindo nossos relatos, as crianças interromperam para exigir da professora que também elas queriam ter essas experiências. Pareciam nossos irmãos menores, sentindo-se injustiçados... Com isso, abriu-se um espaço de intimidade, confiança (e mesmo cumplicidade...), essencial para que se produza o clima mágico da contação de mitos (que não é, de modo algum, meramente uma técnica).



### **Considerações finais**

Algumas anotações para compreender a experiência que tivemos com as crianças:

1. O protagonismo do narrador é convocado pelos que estão diante dele. Os ouvintes ficam prontos para ouvir quando o narrador se apresenta por completo, com

sua própria existência, seu viver. As crianças não permitiram que nós iniciássemos a contação de história sem respondermos a algumas perguntas pessoais. Ou melhor, a todas as perguntas que elas tinham sobre nossas pessoas.



2. Não foi à toa que as crianças perguntaram até o nome das nossas mães e dos nossos pais. E pediram para escrever na lousa o nome completo de cada um de nós. Não sabemos até que ponto as crianças sabiam o que nos pediam. Mas a espontaneidade delas permitiram que os seus anseios se apresentassem diante de nós com muito vigor, a força da infância.

3. O que mais nos surpreendeu: contar um mito não é uma transformação só de quem ouve a história, mas também de quem narra. Resignificamos nossa própria história e nossa relação com os indígenas.

Lembramos novamente da fala de Campbell (2010). Ele diz que mito é algo que pode influenciar a vida dos sujeitos que entram em contato com ele. Campbell trata o mito como algo que é VIVO. Isso, nós três, experimentamos de fato.

Sabemos que os mitos e lendas são contados há milhares de anos pelos pajés ou xamãs, pelas mulheres anciãs, ao longo da vida dos membros da comunidade indígena. O que acrescentamos, por meio da nossa experiência, é que não podemos esquecer de que o ato de ensinar mitos está profundamente enraizado na cultura da oralidade. Isso significa, não apenas que as histórias são narradas pela voz, mas expressa a importância do vínculo que existe entre quem conta e quem escuta o mito.

Ou seja, o mito, a lenda, os contos se comunicam para as crianças por meio de ouvir, mas também pelo sentir: vivenciar o mesmo tempo e o espaço, comer e beber a cultura da língua utilizada, descobrir o jeito de captar a vida, compreender o jeito de ser e existir dos mais velhos no mundo, reconhecendo o significado de cada coisa, de cada símbolo.

Compreendemos que buscar conhecer a nossa história por meio das tradições ancestrais significa, antes de mais nada, vivenciar esses encontros e momentos juntos

com a nova geração de brasileiras e brasileiros, ou melhor, com as novas gerações de seres humanos de todo o planeta Terra. A tradição de contar mitos reforça nosso sentimento de sermos sujeitos que têm uma história, profundamente enraizada na cultura oral que deve ser valorizada para que não desapareça.

### Referências bibliográficas

CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus: mitologia criativa**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

FREIRE, José Ribamar Bessa “Cinco ideias equivocadas sobre os índios” Palestra proferida no dia 22 de abril de 2002 <https://docs.google.com/file/d/0B-mxG8pZGRDQOGI3YzA4ZDgtNzIwMC00NGZmLWI2ZGIzMmExNDIzNmY2MGMy/edit> (acesso em 06/09/19)

LAUAND, Jean “Dia do índio” – a “filosofia indígena” na língua e cultura brasileiras. **Convenit Internacional Coepta**. Cemroc Feusp. N. 2, 2019. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit31/07-12Jean.pdf>. (acesso em 06/09/19).

LOPES DA SILVA , Aracy “Mitos e cosmologias indígenas no Brasil: breve introdução”. In: **Índios no Brasil**. GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (org.). São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992

LOPES DA SILVA , Aracy & GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (org.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995. [http://www.pineb.ffch.ufba.br/downloads/1244392794A\\_Tematica\\_Indigena\\_na\\_Escola\\_Aracy.pdf](http://www.pineb.ffch.ufba.br/downloads/1244392794A_Tematica_Indigena_na_Escola_Aracy.pdf) (acesso em 06/09/19)

MARTINS, H. “Em busca do passado - O número de indígenas no Brasil é maior do que mostram os dados oficiais. E há gente atrás de suas origens...” UOL, 4-10-2109. <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/o-que-e-ser-indigena-no-brasil/index.htm> (acesso em 06/09/19)

MONTEIRO, Eliana B. resenha de “Sehaypór: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé” Revista ANTHROPOLOGICAS (UFPE), v. 21 (2), 2010. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/issue/view/1731> (acesso em 06/09/19)

MUNDURUKU, Daniel in Vídeo Itaú Cultura. **Índio e indígena – Mekukradjá: Círculo de Saberes (2018)** <https://www.youtube.com/watch?v=s39Fxy3JziE> (acesso em 06-09-19)

PRADO, Luiz. **Programa sobre mitologia da Rádio USP chega a 130 episódios** (23/05/2017)

<https://jornal.usp.br/cultura/programa-sobre-mitologia-da-radio-usp-chega-a-130-episodios/> (acesso em 06-09-19)

POTIGUARA, Eliane Por uma Cosmologia e uma Política Indígenas nas Expressões Culturais – Mekukradjá – Círculo 5 (2016) <https://www.youtube.com/watch?v=CggRXmzJ5CY&t=184s> (acesso em 06-09-19)

Recebido para publicação em 17-09-19; aceito em 14-10-19